

**PARA ALÉM DA INTERVENÇÃO: CULTURA ESCOLAR, FORMAÇÃO DOCENTE E
ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DO BULLYING**
**BEYOND INTERVENTION: SCHOOL CULTURE, TEACHER TRAINING,
AND STRATEGIES FOR ADDRESSING BULLYING**



ISSN: 2595-8704 DOI: <https://doi.org/10.29327/2323543.29.1-19>

Eliziário Jackson Mesquita ¹

RESUMO

O bullying constitui uma manifestação de violência que interfere na convivência escolar e pode comprometer as experiências sociais, emocionais e educacionais dos estudantes. Embora a intervenção dos professores seja fundamental para a identificação e o enfrentamento dessas situações, a efetividade das ações depende também da existência de uma cultura escolar preventiva, da formação dos profissionais da educação e da articulação entre escola e família. Este artigo tem como objetivo analisar as estratégias de enfrentamento do bullying a partir das percepções de professores, estudantes e familiares de uma escola pública localizada no município de Brejo dos Santos, Paraíba. Trata-se de uma pesquisa básica, exploratória, descritiva, qualitativa e de campo. Participaram do estudo 10 professores, 30 estudantes e 10 pais ou responsáveis. A coleta de dados foi realizada presencialmente mediante questionários estruturados, compostos por 11 questões fechadas destinadas aos diferentes grupos participantes. Os resultados demonstraram que o bullying integra a realidade cotidiana da instituição e que os professores desempenham papel relevante na intervenção diante das situações identificadas. Entretanto, verificou-se também a existência de limitações relacionadas à preparação docente, uma vez que 60% dos professores consideraram possuir apenas preparo parcial para lidar com o fenômeno. Entre os estudantes, 60% afirmaram confiar na intervenção do professor caso fossem vítimas de bullying, enquanto outros demonstraram insegurança ou preferência por não procurar o docente. Entre os familiares, 80% perceberam mudanças graduais e positivas após as intervenções realizadas pelos professores, mas 70% identificaram a desconfiança como um obstáculo à atuação. Conclui-se que o enfrentamento do bullying requer ações permanentes, formação continuada dos profissionais e participação articulada da comunidade escolar, superando respostas exclusivamente disciplinares e fortalecendo uma cultura institucional de prevenção.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying. Cultura escolar. Formação docente. Prevenção. Violência escolar.

ABSTRACT

Bullying is a form of violence that affects school coexistence and may compromise students' social, emotional, and educational experiences. Although teacher intervention is essential for identifying and addressing such situations, the effectiveness of these actions also depends on the existence of a preventive school culture, teacher training, and coordination between school and family. This article aims to analyze strategies for addressing bullying based on the perceptions of teachers, students, and families at a public school located in Brejo dos Santos, Paraíba, Brazil. This is a basic, exploratory, descriptive, qualitative, and field-based study. The participants were 10 teachers, 30 students, and 10 parents or guardians. Data were collected in person through structured questionnaires consisting of 11 closed-ended questions administered to the different participant groups. The results showed that bullying is part of the institution's daily reality and that teachers play an important role in intervening when situations are identified. However, limitations related to teacher preparation were also identified, as 60% of teachers considered themselves only partially prepared to deal with the phenomenon. Among students, 60% stated that they would trust teacher intervention if they were victims of bullying, while others expressed insecurity or a preference not to seek help from teachers. Among family members, 80% perceived gradual and positive changes after teacher interventions, but 70% identified distrust as an obstacle to intervention. It is concluded that addressing bullying requires permanent actions, continuing teacher education, and coordinated participation by the school community, moving beyond exclusively disciplinary responses and strengthening an institutional culture of prevention.

KEYWORDS: Bullying. School culture. Teacher training. Prevention. School violence.

¹ Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Gestão pela FAR – Faculdade Ademar Rosado e em Projetos Sociais: Elaboração e Captação de Recursos. Mestre em Gestão Empresarial pelo Instituto Superior de Gestão (ISG), Lisboa, Portugal, e doutorando em Ciências da Educação. E-MAIL: elizariojacksonmesquita@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A escola constitui um espaço fundamental para a formação humana, social e acadêmica de crianças e adolescentes. Para além da transmissão de conhecimentos, o ambiente escolar possibilita a construção de relações interpessoais, valores, atitudes e formas de participação social. Entretanto, as relações estabelecidas nesse espaço também podem ser marcadas por conflitos, discriminações e diferentes manifestações de violência, entre as quais se destaca o bullying.

A legislação brasileira reconhece a intimidação sistemática como uma forma específica de violência física ou psicológica, caracterizada por ações intencionais e repetitivas e por uma relação de desequilíbrio de poder. A Lei nº 13.185/2015 instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática e atribuiu às instituições de ensino responsabilidades relacionadas à conscientização, prevenção, diagnóstico e enfrentamento do fenômeno.

O bullying, entretanto, não pode ser compreendido exclusivamente como um problema disciplinar. Sua ocorrência está relacionada à dinâmica das relações estabelecidas entre estudantes e às respostas construídas pelos adultos responsáveis pela organização e proteção do ambiente escolar. Nesse sentido, identificar uma situação de violência representa apenas uma das etapas do processo de enfrentamento.

A atuação docente assume importância nesse contexto porque o professor acompanha cotidianamente as interações dos estudantes. A observação sistemática da convivência pode possibilitar a identificação de mudanças comportamentais, conflitos recorrentes e situações de isolamento ou agressão. Entretanto, a capacidade de intervenção está relacionada também à formação profissional, às condições institucionais e à existência de procedimentos definidos pela escola.

O estudo que fundamenta esta análise demonstra que os professores participantes possuem experiência direta com situações de bullying. Todos os docentes investigados afirmaram já ter presenciado ocorrências dessa natureza, enquanto 60% declararam ter precisado intervir algumas vezes e 40% afirmaram realizar intervenções com frequência.

Ao mesmo tempo, os dados evidenciam uma questão relevante: 60% dos professores consideraram possuir apenas preparação parcial para lidar com o bullying, 30% afirmaram estar plenamente preparados e 10% indicaram possuir pouca preparação.

Essa realidade permite questionar até que ponto a escola pode atribuir aos professores a responsabilidade pelo enfrentamento do fenômeno sem garantir formação e suporte institucional adequados. A intervenção individual do docente pode ser importante, mas não substitui políticas e estratégias permanentes de prevenção.

A participação dos estudantes também precisa ser considerada. O aluno não deve ocupar apenas a posição de vítima, agressor ou espectador, mas ser reconhecido como sujeito que participa da construção da convivência escolar. A disposição para comunicar uma situação de violência pode depender da percepção de segurança e da confiança existente na instituição.

Os dados da pesquisa demonstram que 60% dos estudantes afirmaram confiar na intervenção docente caso fossem vítimas de bullying. Entretanto, 20% consideraram que a intervenção não produziria diferença significativa, 10% demonstraram insegurança e outros 10% afirmaram que prefeririam não procurar o professor.

A participação das famílias constitui outra dimensão importante. A família possui condições de perceber mudanças no comportamento dos estudantes que podem não ser imediatamente identificadas pela escola. Por essa razão, a comunicação entre responsáveis e instituição pode contribuir para ampliar a capacidade

de identificação e acompanhamento das situações de violência.

No grupo familiar investigado, 80% dos participantes afirmaram perceber mudanças graduais e positivas após a intervenção dos professores. Contudo, 70% indicaram a desconfiança de estudantes e famílias como um fator que dificulta a intervenção.

Diante desse cenário, este artigo parte da seguinte questão: como a cultura escolar, a formação docente e a participação da comunidade podem contribuir para o enfrentamento do bullying?

O objetivo geral consiste em analisar as estratégias de enfrentamento do bullying no ambiente escolar, considerando a atuação docente, a percepção dos estudantes e a participação familiar.

Como objetivos específicos, pretende-se: identificar a percepção dos professores sobre a ocorrência e o enfrentamento do bullying; analisar a percepção dos estudantes sobre a intervenção docente; verificar a preparação dos professores para lidar com situações de violência; compreender a participação das famílias; e discutir a necessidade de estratégias institucionais permanentes de prevenção.

BULLYING E CULTURA DE CONVIVÊNCIA ESCOLAR

O bullying apresenta características que o diferenciam de conflitos ocasionais. Fante (2005) compreende o fenômeno a partir da repetição das agressões e das consequências produzidas sobre aqueles que delas são vítimas. Lopes Neto (2005), por sua vez, destaca a presença de comportamentos agressivos entre estudantes associados a relações desiguais de poder.

A legislação brasileira amplia essa compreensão ao reconhecer diferentes manifestações de intimidação sistemática, incluindo agressões físicas, insultos, ameaças, apelidos pejorativos, isolamento social, humilhações e manifestações virtuais.

Essa diversidade de manifestações demonstra que o bullying não está restrito ao espaço físico da sala

de aula. Uma situação iniciada presencialmente pode continuar em ambientes digitais, ampliando sua exposição e dificultando a interrupção do comportamento agressivo.

A escola precisa, portanto, desenvolver uma compreensão ampliada do fenômeno. A identificação de uma agressão física é relativamente objetiva, enquanto situações de exclusão, humilhação, disseminação de rumores ou constrangimentos podem permanecer invisíveis durante determinado período.

Nesse sentido, a cultura escolar possui papel relevante. Uma instituição que trabalha continuamente valores como respeito, cooperação, solidariedade e responsabilidade coletiva tende a criar melhores condições para a prevenção da violência.

A prevenção não significa eliminar completamente os conflitos, mas desenvolver mecanismos que permitam identificá-los e enfrentá-los de maneira educativa. Isso implica compreender que conflitos fazem parte das relações humanas, enquanto práticas sistemáticas de intimidação e violência exigem respostas específicas.

Olweus (1993) destaca a necessidade de estratégias organizadas para enfrentar o bullying no ambiente escolar. Essa perspectiva contribui para superar a ideia de que cada professor deve solucionar isoladamente as situações identificadas.

A instituição escolar precisa possuir procedimentos que orientem a identificação, o registro, a comunicação com os responsáveis, o acompanhamento dos envolvidos e a avaliação das medidas adotadas.

A própria Lei nº 13.185/2015 estabelece entre os objetivos do programa nacional a capacitação de docentes e equipes pedagógicas, a orientação de pais e responsáveis e a promoção de uma cultura de paz.

Portanto, a prevenção do bullying deve integrar o planejamento institucional e não permanecer restrita às situações em que a violência já ocorreu.

FORMAÇÃO DOCENTE E CAPACIDADE DE INTERVENÇÃO

O professor ocupa posição estratégica na identificação das situações de bullying porque acompanha diretamente as relações estabelecidas entre os estudantes. Sua atuação cotidiana permite observar mudanças no comportamento, relações de exclusão, conflitos recorrentes e possíveis situações de intimidação.

Entretanto, a proximidade com os estudantes não significa, necessariamente, preparo suficiente para lidar com situações complexas de violência.

Os resultados da pesquisa evidenciam essa questão. Embora todos os professores tenham relatado já ter presenciado situações de bullying, 60% consideraram possuir apenas preparação parcial para lidar com o fenômeno.

Esse resultado merece atenção porque evidencia uma diferença entre **experiência prática** e **formação específica**. O fato de o professor já ter enfrentado uma situação de bullying não significa que disponha dos conhecimentos necessários para avaliar suas causas, consequências e estratégias de intervenção.

A formação continuada pode contribuir para reduzir essa lacuna. Temas como identificação de sinais de violência, mediação de conflitos, comunicação não violenta, acolhimento, encaminhamento institucional e diálogo com famílias podem integrar processos permanentes de desenvolvimento profissional.

A preparação docente também deve considerar os diferentes papéis existentes em uma situação de bullying. A intervenção não deve concentrar-se exclusivamente na vítima ou no estudante identificado como agressor. Os espectadores e o conjunto da turma também fazem parte da dinâmica social na qual o fenômeno se desenvolve.

A atuação do professor precisa, portanto, combinar firmeza diante da violência e capacidade pedagógica de compreender as relações envolvidas.

A legislação brasileira também reconhece a capacitação dos docentes e das equipes pedagógicas como parte dos objetivos do enfrentamento da intimidação sistemática.

Assim, a formação não deve ser considerada uma ação complementar, mas componente necessário de uma política escolar de prevenção.

A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES E A SEGURANÇA PARA PEDIR AJUDA

A percepção dos estudantes constitui elemento indispensável para avaliar a efetividade das estratégias de enfrentamento. Uma política escolar pode estabelecer procedimentos formalmente adequados, mas sua eficácia será limitada se os estudantes não perceberem a instituição como um espaço seguro para comunicar situações de violência.

Na pesquisa analisada, 60% dos estudantes afirmaram que confiariam na intervenção do professor caso fossem vítimas de bullying. Esse resultado indica uma percepção predominantemente favorável da atuação docente.

Entretanto, os demais dados revelam que essa confiança não é uniforme. Vinte por cento dos estudantes consideraram que a intervenção não produziria diferença significativa, 10% demonstraram insegurança e 10% afirmaram que prefeririam não procurar o professor.

A existência desses grupos demonstra que a escola ainda enfrenta o desafio de tornar seus mecanismos de proteção reconhecidos por todos os estudantes.

A decisão de procurar um adulto diante de uma situação de bullying pode ser influenciada pelo medo de retaliação, pela expectativa de que nada será feito ou pelo receio de exposição diante dos colegas.

Consequentemente, a prevenção exige que os estudantes conheçam os canais de comunicação

disponíveis e percebam que seus relatos serão tratados com responsabilidade.

A escuta dos estudantes deve ser incorporada às práticas escolares. Isso não significa transferir aos alunos a responsabilidade pelo enfrentamento da violência, mas reconhecer que eles possuem informações importantes sobre as relações que acontecem entre seus pares.

A escola precisa, portanto, desenvolver mecanismos de participação que permitam aos estudantes expressar suas percepções sobre segurança, convivência e situações de violência.

FAMÍLIA E ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DE UMA REDE DE PROTEÇÃO

A prevenção do bullying não pode ser conduzida exclusivamente no interior da escola. A participação familiar amplia as possibilidades de acompanhamento dos estudantes e favorece a circulação de informações entre os diferentes espaços de convivência.

No estudo analisado, 70% dos pais ou responsáveis afirmaram já ter presenciado situações de bullying, demonstrando que a percepção sobre o fenômeno não está limitada aos profissionais da instituição.

Além disso, 80% dos familiares avaliaram que os professores intervêm frequentemente diante das situações de bullying e 80% afirmaram perceber mudanças graduais e positivas após essas intervenções.

Esses resultados revelam uma avaliação favorável da atuação docente. Contudo, a pesquisa também identificou um obstáculo importante: 70% dos familiares apontaram a desconfiança de alunos e famílias como fator que dificulta a intervenção.

A existência desse resultado demonstra que a relação entre família e escola precisa ser construída de forma permanente.

A participação familiar não deve ocorrer somente quando um episódio de bullying já foi identificado. Reuniões, projetos de convivência,

atividades educativas e canais de comunicação podem contribuir para aproximar os responsáveis da realidade escolar.

Quando existe comunicação frequente, a família pode compartilhar mudanças percebidas no comportamento do estudante, enquanto a escola pode apresentar as estratégias adotadas para acompanhamento.

Essa relação também pode reduzir interpretações equivocadas e favorecer a construção de respostas compartilhadas.

Fante e Pedra (2008) defendem a importância de ações articuladas para o enfrentamento do bullying, considerando a participação dos diferentes sujeitos envolvidos na comunidade escolar.

A prevenção, nesse sentido, deve ser compreendida como responsabilidade compartilhada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos permitem identificar três aspectos centrais para o enfrentamento do bullying: a presença do fenômeno, a capacidade de intervenção e as condições de prevenção.

O primeiro aspecto está relacionado à presença do bullying no cotidiano escolar. Todos os professores participantes afirmaram já ter presenciado situações dessa natureza. Esse resultado indica que a violência entre estudantes não constitui fenômeno excepcional na realidade investigada.

O segundo aspecto corresponde à intervenção docente. Sessenta por cento dos professores afirmaram ter precisado intervir algumas vezes, enquanto 40% declararam realizar intervenções com frequência.

Esses dados demonstram que os professores ocupam posição central no enfrentamento cotidiano do problema.

Contudo, essa centralidade precisa ser acompanhada de suporte institucional. A constatação de que 60% dos docentes se consideram apenas

parcialmente preparados demonstra a necessidade de fortalecer a formação profissional.

O terceiro aspecto está relacionado à percepção dos estudantes. Embora 60% tenham declarado confiar na intervenção do professor, parte dos participantes demonstrou insegurança ou descrença quanto aos resultados dessa intervenção.

Esse resultado evidencia que a efetividade da intervenção não pode ser avaliada apenas pela perspectiva do profissional. É necessário considerar como o estudante percebe a ação realizada e se ele se sente efetivamente protegido.

Os dados das famílias complementam essa análise. O fato de 80% perceberem mudanças positivas após as intervenções demonstra que as ações docentes são reconhecidas como capazes de produzir resultados.

Entretanto, a identificação da desconfiança por 70% dos responsáveis indica que ainda existem barreiras relacionais que precisam ser enfrentadas.

Dessa forma, os resultados não apontam para a insuficiência da atuação docente, mas para a necessidade de inseri-la em uma estratégia institucional mais ampla.

A escola precisa combinar formação, prevenção, comunicação, acompanhamento e participação.

Uma política de enfrentamento baseada exclusivamente em respostas posteriores à agressão tende a atuar sobre o problema depois de sua manifestação. A perspectiva preventiva busca antecipar-se à violência, fortalecendo relações e criando mecanismos de identificação precoce.

Essa mudança de perspectiva é particularmente importante porque o bullying possui caráter repetitivo. Quanto mais tempo uma situação permanece sem intervenção, maiores podem ser suas consequências sobre a convivência escolar.

A escola, portanto, precisa estabelecer uma cultura na qual comunicar uma situação de violência seja compreendido como uma atitude de proteção e não como uma forma de denúncia negativa ou exposição.

ESTRATÉGIAS INSTITUCIONAIS PARA O ENFRENTAMENTO DO BULLYING

Os resultados permitem indicar algumas dimensões que podem orientar estratégias institucionais de enfrentamento.

A primeira é a formação continuada dos profissionais. A preparação dos docentes deve incluir conteúdos relacionados à identificação, prevenção, mediação e encaminhamento das situações de bullying.

A segunda dimensão é a participação estudantil. Os alunos precisam conhecer os mecanismos disponíveis para comunicar situações de violência e participar de ações educativas voltadas à convivência.

A terceira corresponde ao fortalecimento da comunicação com as famílias. A escola deve estabelecer canais que possibilitem comunicação regular, evitando que o contato ocorra somente em situações de crise.

A quarta dimensão é o acompanhamento sistemático dos casos. A intervenção não deve terminar no momento em que a agressão é interrompida. É necessário acompanhar a convivência posterior e verificar se houve efetivamente mudança na situação.

A quinta dimensão refere-se à construção de uma cultura preventiva. A prevenção precisa estar presente no cotidiano escolar, nas práticas pedagógicas, nos projetos institucionais e nas relações entre estudantes e profissionais.

Essa perspectiva está alinhada à legislação brasileira, que estabelece como objetivos do Programa de Combate à Intimidação Sistemática a prevenção, a capacitação de profissionais, a orientação de famílias e a promoção da cidadania, da empatia, do respeito e de uma cultura de paz.

A escola, portanto, não deve atuar apenas como espaço de resposta à violência, mas como ambiente de construção de relações capazes de reduzir as condições que favorecem sua ocorrência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida permitiu compreender que o enfrentamento do bullying constitui uma responsabilidade que ultrapassa a intervenção individual do professor. Embora a atuação docente seja fundamental para identificar e interromper situações de violência, sua efetividade está relacionada à existência de uma cultura escolar organizada para a prevenção, à formação dos profissionais e à participação das famílias e dos estudantes.

Os resultados demonstraram que o bullying está presente na realidade escolar investigada. Todos os professores participantes afirmaram já ter presenciado situações dessa natureza, evidenciando que o fenômeno integra a dinâmica cotidiana da instituição.

A atuação docente mostrou-se significativa. Parte expressiva dos professores relatou intervenções diante das situações identificadas, enquanto os familiares apresentaram percepção predominantemente favorável sobre essa atuação. Entretanto, o fato de 60% dos professores considerarem possuir apenas preparação parcial revela a necessidade de ampliar as oportunidades de formação continuada.

A percepção dos estudantes também apresentou resultados importantes. Embora 60% tenham afirmado confiar na intervenção docente, foram identificadas manifestações de insegurança, descrença e resistência em procurar o professor. Esse resultado demonstra que a escola precisa continuar fortalecendo sua capacidade de ser percebida pelos estudantes como espaço de proteção.

No âmbito familiar, 80% dos participantes perceberam mudanças graduais e positivas após a intervenção dos professores. Ao mesmo tempo, 70% identificaram a desconfiança como obstáculo à intervenção. Essa aparente contradição demonstra que reconhecer a importância da escola não significa necessariamente estabelecer uma relação plenamente consolidada de confiança.

A pesquisa permite concluir, portanto, que o enfrentamento do bullying demanda uma mudança de perspectiva: é necessário avançar de uma lógica centrada exclusivamente na reação diante da agressão para uma abordagem baseada na prevenção contínua.

Nesse processo, a formação docente assume papel estratégico. Professores preparados possuem melhores condições para reconhecer diferentes manifestações de violência, realizar intervenções adequadas e encaminhar os casos de acordo com as necessidades dos estudantes.

A participação das famílias também precisa ser fortalecida. A comunicação entre escola e responsáveis pode contribuir para identificar alterações comportamentais, compartilhar informações e acompanhar os resultados das intervenções.

Da mesma maneira, os estudantes precisam ser considerados sujeitos ativos da convivência escolar. A criação de espaços seguros de participação e comunicação pode favorecer a identificação precoce das situações de violência.

Conclui-se que uma escola comprometida com o enfrentamento do bullying deve articular formação, prevenção, escuta, acompanhamento e participação coletiva. A intervenção diante da agressão continua sendo necessária, mas não deve representar o ponto final da ação institucional.

A construção de uma cultura escolar preventiva depende da continuidade das ações e do envolvimento dos diferentes atores que compõem a comunidade educativa. Nesse sentido, combater o bullying significa também construir relações escolares pautadas pelo respeito, pela responsabilidade e pela proteção dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Violência nas escolas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002.

BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015.** Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF, 2015.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas, SP: Verus, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LOPES NETO, Aramis Antonio. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MALDONADO, Maria Tereza. **Bullying e cyberbullying: o que fazer com isso?** São Paulo: Moderna, 2011.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school: what we know and what we can do.** Oxford: Blackwell, 1993.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

TREVISOL, Maria Teresa Ceron; UBERTI, Gabriele. **Bullying na escola: a compreensão do fenômeno e possibilidades de intervenção.** 2020.